

A MEMÓRIA, A LITERATURA E O (RISCO DO) ESQUECIMENTO: UMA LEITURA DOS TEMPOS DE EXCEÇÃO EM “ALGUMA COISA URGENTEMENTE”, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Éderson Luís Silveira¹
Lucas Rodrigues Lopes²

RESUMO: O presente trabalho visa analisar o conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, que estabelece vínculo com seu contexto de produção, a Ditadura Militar Brasileira. Publicado na obra *O cego e a dançarina* em 1980 o texto foi retomado vinte anos mais tarde para integrar uma coletânea organizada por Italo Moriconi. O conto é narrado em primeira pessoa pelo filho anônimo de um perseguido político que, por causa dessa condição, muda de residência algumas vezes durante o enredo, vive instâncias coercitivas ao lado – e na ausência - do pai. Assim, a presente análise permite afirmar que a literatura tem seu lugar em tempos de exceção viabilizando a percepção de vozes silenciadas por condições políticas e sociais. Enquanto figurações de experiências de autoritarismo, os personagens principais apontam para a existência de uma demanda de vozes articuladas para apontar a censura, a interdição e a perseguição política dos tempos ditatoriais brasileiros.

Palavras-chave: Ditadura. Literatura de resistência. Ficção.

ABSTRACT: The present paper aims to analyze the short story "Something urgently", by João Gilberto Noll, which establishes a bond with its production context, the Brazilian Military Dictatorship. Published in the work *The blind and the dancer* in 1980 the text was resumed twenty years later to integrate a collection organized by Italo Moriconi. The tale is narrated in the first person by the anonymous son of a political persecuted who, because of this condition, changes residence a few times during the plot, lives coercive instances next to - and in the absence - of the father. Thus, the present analysis allows us to affirm that the literature has its place in times of exception enabling the perception of voices silenced by political and social conditions. As figures of authoritarianism experiences, the main characters point to the existence of a demand for articulated voices to point out the censorship, prohibition and political persecution of Brazilian dictatorial times.

Keywords: Dictatorship. Literature of resistance. Fiction.

1 INTRODUÇÃO

Perseguições políticas, prisões e exclusões aparecem com relativa frequência em obras publicadas nacionalmente pós-1964 em que contextos autoritários marginalizam e excluem social e politicamente os sujeitos contrários ao momento histórico que acometeu o Brasil no período ditatorial. A prisão por motivos políticos seguida de tortura não foi rara devido à opressão a manifestações de

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/SC, Brasil. E-mail: ediliteratus@gmail.com.

² Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA). Cametá/PA, Brasil. Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Linguística pelas Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). E-mail: identidadesfragmentadas@gmail.com.

oposição e aprisionamentos por motivos políticos.

Ao perceber o contexto de produção de determinadas obras, pode-se perceber que remetem ao período ditatorial brasileiro. Tal fato torna possível observar a resistência como elemento presente em narrativas ficcionais que se articulam com aquilo que Eric Hobsbawm (1995) intitulou como sendo a era dos extremos, apontando o século XX como um período em que contextos ditatoriais foram se acumulando.

Na literatura a ficção não se absteve de surtir os efeitos de tal acontecimento. Dessa forma, a literatura sobre os anos do autoritarismo político não pode ser negligenciada nem deixada de lado porque revela uma faceta do ser humano articulada

2 MATERIAL E MÉTODOS

Sobre o autor gaúcho podemos afirmar que publicou 18 livros – 13 romances, 3 coletâneas de contos e 3 obras infanto-juvenis -, foi vencedor de cinco prêmios Jabutis e faleceu aos 70 anos em março de 2017. Nasceu em 15 de abril de 1946 em Porto Alegre, morou no Rio de Janeiro entre 1969 e 1986, onde se formou em Letras, foi professor da PUC-RJ e retornou ao Rio Grande do Sul onde permaneceu até o final de sua vida. Seu

à crueldade, à desumanização e ao grotesco que podem caracterizá-lo em tempos de regimes totalitários. A reelaboração dessa experiência traumática não se torna apenas uma estilização da realidade, mas ganha contornos éticos porque representa um dever frente à sociedade e às vítimas.

Assim, para assinalar de que forma tem aparição em textos ficcionais o contexto da ditadura brasileira utilizaremos um conto representativo, gerado no período mencionado que permite irmos ao encontro do palimpsesto de memórias que não cessam de reverberar até hoje: trata-se do conto “Alguma coisa urgentemente”, de João Gilberto Noll, que é narrado sob o ponto de vista do filho de um perseguido político.

primeiro livro, *O cego e a dançarina*, foi publicado em 1980. “Alguma coisa urgentemente” abre o livro e este conto inspirou o filme *Nunca fomos tão felizes*, de Murilo Salles ambos marcados pelo intimismo das personagens frente a uma sociedade violenta que marginaliza e exclui. Como, diante do cenário atual³, se corre o risco de não superar as estruturas autoritárias que um dia foram e permanecem como espectros que se

³ Para entender a instabilidade e crise política atual bem como suas implicações, recomenda-se a leitura

da obra organizada por Jikings, Doria e Cleto (2016) e de Luiz Felipe Miguel (2018).

materializam entre nós, resgatar tal memória não é algo apenas urgente, é necessário.

Para Alberto Manguel (1997) a palavra escrita sofre repressão e contínua vigilância já que a leitura não pode ser desaprendida e, por isso os donos de escravos (tal como os ditadores) acreditavam fortemente no poder da palavra escrita o que a torna a maldição das ditaduras.

Como nenhuma outra criação humana, os livros têm sido a maldição das ditaduras. Os poderes absolutos exigem que todas as leituras sejam leituras oficiais; em vez de bibliotecas inteiras de opiniões, a palavra do governante deve bastar. (MANGUEL, 1997, p. 315).

Para Bosi (2002), a resistência como tema de narrativa emergiu com ênfase entre 1930 e 1950, articulada aos debates intelectuais contrários ao fascismo e ao nazismo na Europa, bem como contrárias ao franquismo e ao salazarismo. Daí as raízes do que se pode chamar de literatura de resistência como a obra de Primo Levi, publicada originalmente em 1947 na Itália, em que este narra as vivências enquanto judeu em um campo de concentração.

No Brasil temos *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos, publicado postumamente em setembro de 1953, por exemplo, que também se articula a tal temática, de teor testemunhal, assim como

A rosa do povo de Drummond, que foi publicado pela primeira vez em 1945. Diante disso, pode-se afirmar que a máscara social que engessa sujeitos e memórias pode ser desengessada através da escrita, conforme afirma Bosi (2002, p. 134-135):

A escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez num passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha, como se dá, por exemplo, no primeiro capítulo de *Memórias do cárcere*. Também o que é calado no curso da conversação banal, por medo, por angústia ou pudor, soará no monólogo narrativo, no diálogo dramático. E aqui são os valores mais autênticos e mais sofridos que abrem caminho e conseguem aflorar à superfície do texto ficcional.

Isso torna possível afirmar, a partir de Bosi (2002) que a resistência ético-política, historicamente, buscou traduzir-se em resistência no plano das narrativas ficcionais. No âmbito de uma cultura de resistência se inscreve a literatura fazendo com que um fundo axiológico comum fosse partilhado entre escritores e obras produzidas. Para Elie Wiesel (2010), escritor nascido na Transilvânia em 1928 e o único membro de sua família a sobreviver ao Holocausto, mesmo que não possamos nomear os horrores de um mal inominável, saber e confirmar sua existência é necessário para que não seja banalizado e esquecido. A lembrança, seja ela resgatada através de documentos, da literatura ou do

cinema, permite uma memória do conjunto, da angústia, do silêncio e da morte.

A lembrança é um elemento essencial da vida e do sentido da vida. Sem a lembrança, o passado é atraído para o abismo, que o faz perder todos os vínculos com o tempo presente. Sem lembrança não há história, cultura, civilização, não haveria nem moral, nem consciência do dever. Quando esqueço minha responsabilidade para com os mortos, esqueço também a que tenho para com os vivos. (WIESEL, 2010, p. 455).

Sob esta égide de explanações, mesmo a vida cotidiana em contextos ditatoriais não passa de um mecanismo alienante contrário à dignidade de uma vida plena e humanizada. Vale assinalar, nesse contexto, que, para Ishaq, Franco e Sousa (2012), a ditadura brasileira é um passado que não está encerrado e constitui um espaço que não pode ser negligenciado. Consoante a tal afirmação, Bosi vai destacar

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das lembranças da infância ele rememora que o pai o levava para ver as árvores na praça Júlio de Castilhos em Porto Alegre onde viviam. Ao perceber o interesse do filho pelas características das plantas da praça, o pai alerta: “Ele me dizia que o mundo não era só aquelas plantas, era também as pessoas que passavam e as que ficavam e que cada um tem o seu drama” (NOLL, 2000, p. 416). Tal passagem pode

que “[...] a resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextrincável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 2002, p. 134).

Chega-se, assim, ao conto: publicado na obra *O cego e a dançarina* em 1980 o texto foi retomado vinte anos mais tarde para integrar uma coletânea organizada por Italo Moriconi que visa apresentar os cem melhores contos brasileiros do século. O conto é narrado em primeira pessoa por um filho (anônimo) de um perseguido político que, por causa dessa condição, muda de residência algumas vezes durante o enredo, levando o filho consigo ou deslocando o filho para algum lugar seguro (primeiro um colégio interno, depois para São Paulo para uma pensão, depois para um apartamento no Rio de Janeiro onde também não recebiam visitas).

se articular a um resgate das memórias da ditadura sob o risco de a banalização e o negligenciamento produzirem o esquecimento. Olhar para os seres humanos remete não apenas a uma advertência paternal aleatória, mas a um elemento pontual que se relaciona com a memória que precisa ser resguardada para que os horrores da ditadura não sejam esquecidos. A literatura que não pode estar vinculada

apenas a uma espécie de fruição, de fuga da realidade, também revela um teor de resistência porque se ocupa de temas que atravessam a memória social e cultural de tempos de exceção. Não para fechar os olhos, mas para abri-los promovendo o encontro com a escrita testemunhal que nos torna, ao ler, testemunhas dos acontecimentos.

No final de 1969 o pai fora preso no Paraná: “(Dizem que passava armas a um grupo não sei de que espécie.)” (NOLL, 2000, p. 417). O abandono do rapaz se dá por duas vezes: fora abandonado pela mãe (“Eu, no começo, achava meu pai tão-só um homem amargurado por ter sido abandonado por minha mãe quando eu era de colo” (NOLL, 2000, p. 416)) e, temporariamente, quando o pai vai preso (“No dia em que ele foi preso, eu fui arrastado para fora da loja por uma vizinha de pele muito clara, que me disse que eu ficaria uns dias na casa dela, que o meu pai iria viajar” (NOLL, 2000, p. 417)). Tal abandono confere um endossamento adicional á desumanização que os personagens sofrem no interior do conto: o filho e o pai, envoltos em um contexto histórico de censura e interdição.

O silêncio a interdição que visam forçar um esquecimento necessário impostos pelo período ditatorial aparece na vontade de saber e no silenciamento

presentes na obra como elementos constitutivos:

- Eu quero saber – eu disse para o meu pai. / - Pode ser perigoso – ele respondeu” (...) Eu procurei esquecer. (...) Até meu pai desaparecer novamente. Fiquei sozinho no apartamento da Avenida Atlântica sem que ninguém tomasse conhecimento. E eu já tinha me acostumado com o mistério daquele apartamento. Já não queria saber a quem pertencia, porque vivia vazio. O segredo alimentava o meu silêncio. E eu precisei desse silêncio para continuar ali. (NOLL, 2000, p. 418).

Cabe acentuar que o destino dos perseguidos políticos era a desfiguração física daqueles contrários ao regime ditatorial que eram torturados com frequência quando localizados. É o que podemos notar entre os acontecimentos narrados quando o pai retorna na porta “muito magro, sem os dois dentes” (NOLL, 2000, p. 419) e, um pouco antes, quando vai busca-lo no colégio interno e está sem um dos braços. Anestesiado pelo mal que os circundava politicamente, quando o filho relata que teve que fazer programa para conseguir uns trocados em sua ausência o pai não se surpreende pelas circunstâncias e sua fala se reduz a dizer ao filho que procurasse fazer outra história de sua vida. Daí em diante o pai vai ficar acamado, vulnerável, grotescamente abandonado enquanto o filho até o final do conto pensa que precisa “fazer alguma coisa urgentemente”. Quando o pai retorna,

depois de um tempo sem dar notícias, portanto, é para morrer, é para adiantar que deixará órfão permanentemente o que torna o protagonista um dos filhos do regime ditatorial criado em meio ao silêncio constitutivo que lhe cabia enquanto filho de um perseguido político:

- Eu vim para morrer. A minha morte vai ser um pouco badalada pelos jornais, a polícia me odeia, há anos me procura. Vão te descobrir mas não dê uma única declaração, diga que não sabe de nada. O que é verdade.
- E se me torturarem? – perguntei.
- Você é menor e eles estão precisado evitar escândalos. (NOLL, 2000, p. 419).

Antes de o pai reaparecer, ele vivera em um colégio interno do interior de São Paulo em que um dos colegas apresenta a ele uma faceta de seu pai que ele, na transição entre infância e a adolescência, não tinha ciência integralmente embora desconfiasse (“o meu pai iria viajar. [...] Me fiz de crédulo [...]. Como lidar com uma criança que sabe?” (NOLL, 2000, p. 417)). O colega mencionava que seu pai era um assassino e dizia isso com ódio nos olhos: “O meu pai era bandido, ele contava espumando o coração” (NOLL, 2000, p. 417). Ao que o protagonista não respondia: “Eu me calava. Pois se referir ao meu pai presumia um conhecimento que eu não tinha” (NOLL, 2000, p. 417). A falta de conhecimento remete a uma forma de subjetivação que se articula em meio a uma

ausência que constitui o sujeito. Ao analisar obras como *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector a pesquisadora Rosani Ketzer Umbach vai mencionar que Macabéa tem sua voz silenciada pela morte. A afirmação em torno de formas de subjetivação em meio a contextos autoritários pode ser retomada para lançar luzes sobre o silêncio constitutivo do saber que o personagem anônimo de “Alguma coisa urgentemente” não possui sobre o pai: “Esse silêncio oriundo da falta de reconhecimento do *eu* pelo *outro* faz com que [...] não consigam se articular como sujeitos” (UMBACH, 2013, p. 143).

Ao final do conto, assusta o protagonista o instante em que o pai chama-o pelo nome: “[...] era a primeira vez que meu pai me chamava pelo nome, eu mesmo levei um susto de ouvir meu pai me chamar pelo nome” (NOLL, 2000, p. 421). Chamar pelo nome remete a uma tentativa de resgate da historicidade de uma história que não pode cair no anonimato. Nomear um personagem anônimo engloba um viés declarativo entre os dois e faz perceber a analogia de um período que por diversas vezes corre o risco de ter os rastros de existência apagados. Os filhos dos perseguidos da ditadura ficaram órfãos não apenas de suas famílias, mas de uma maternagem nacional (pátria) que não os protegeu. Nomear, chamar pelo nome, designar, testemunhar, divulgar são verbos

que não podem ser deixados de lado sob pena de reforçar o esquecimento dos horrores que não podem ser abortados da memória dos que viveram e vivem regimes de exceção para que tais acontecimentos não se repitam e sirvam de ressalva aos que vieram depois ou em outros contextos.

A importância dos arquivos da ditadura e o poder da escrita são referenciados no conto, pois o pai, que se nega a dizer ao filho o que acontece entre eles e consigo, ao saber que o filho aprendeu a ler e a escrever comenta “Então você saberá de tudo um dia – ele falou” (NOLL, 2000, p. 417). Também a literatura veio somar ao universo de textos escritos que remetem ao período. Assim, a necessidade de preservação da memória da ditadura se

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise de um dos textos que constitui o arquivo da ditadura permite-nos afirmar que a literatura tem seu lugar em tempos de exceção para que possamos perceber as vozes silenciadas por condições políticas e sociais. Enquanto figurações de experiências de autoritarismo, os personagens principais do conto de João Gilberto Noll apontam para a existência de uma demanda de vozes articuladas para apontar a censura, a interdição e a perseguição política dos tempos ditatoriais

torna cada vez mais proeminente porque a literatura aparece como um “[...] elemento ativo na transmissão da memória para que não se apague aquilo que afetou a vida das pessoas” (FIGUEIREDO, 2017, p. 46) porque os acontecimentos não podem cair no esquecimento:

Aqueles que tentam hoje escrever sobre o passado da ditadura se apoiam, de um lado, nas lembranças pessoais e familiares, de outro lado, em informações levantadas e já compiladas nos diferentes arquivos. Muitos familiares de desaparecidos e mortos fizeram suas buscas, contribuindo para esclarecer os fatos e desmontar as farsas. O trabalho de escavação não terminou, e a quantidade de livros publicados, sobretudo desde 2010, comprova que o trabalho de elaboração do trauma da ditadura continua. (FIGUEIREDO, 2017, p. 30).

brasileiros. Por isso o conto analisado estabelece vínculo com o contexto de sua produção, a Ditadura Militar. Dessa forma, este trabalho vem somar-se a outros trabalhos nos quais são empreendidos exercícios de descrição/interpretação para observar e tornar explícita a demanda de vozes silenciadas através da configuração dos personagens a fim de perceber o papel da sociedade autoritária na produção de subjetividades atravessadas pela revolta e pelo silenciamento que lhes é constitutivo.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISHAQ, Vivien; FRANCO, Pablo E.; SOUSA, Tereza E. de. **A escrita da repressão e da subversão: 1964-1985**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2012. 337 p.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MIGUEL, Luiz Felipe. **Dominação e resistência: desafios para uma política emancipatória**. São Paulo: Boitempo, 2018.

NOLL, João Gilberto. **O cego e a dançarina**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

NOLL, João Gilberto. Alguma coisa urgentemente. *In*: MORICONI, Italo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 416-422.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

UMBACH, Rosani Ketzer. Mulheres excluídas: o papel da sociedade autoritária na constituição do indivíduo. *In*: FOSTER, David William; CALEGARI, Lizandro Carlos; MARTINS, Ricardo André Ferreira (orgs.). **Excluídos e marginalizados na literatura: uma estética dos oprimidos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

WIESEL, Elie. Quando ouvimos uma testemunha, transformamo-nos em uma. *In*: BARLOEVEN, Constantin Von (org.). **Livro dos saberes: diálogos com os grandes intelectuais de nosso tempo**. Tradução de Will Moritz. Osasco: Novo Século, 2010, p. 447-458.